

De “ícone da grande migração Atlântica” à candidata a patrimônio mundial da UNESCO: o caso de Ellis Island (EUA)

From "Icon of the Great Atlantic Migration" to the UNESCO World Heritage Candidate: The Ellis Island Case (USA)

Enviado em: 26/06/2019

Aceito em: 12/07/2019

Fernando Cesar Sossai¹

Resumo:

Ellis Island é uma pequena ilha localizada em Manhattan, Nova Iorque, Estados Unidos. Com cerca de 12.000 m², a Ilha foi artificialmente erguida e conta com um conjunto de edifícios que historicamente abrigaram a antiga Estação de Imigração de Ellis Island. Durante o seu período de operação (1892-1954), estima-se que 20 milhões dos imigrantes que se candidataram a entrar nos EUA foram processados em Ellis Island. Em 1990, o edifício de recepção e hospedagem de imigrantes foi convertido no Museu de Imigração de Ellis Island. Com base nessa historicidade, em abril de 2017, o Departamento de Interior dos Estados Unidos submeteu à UNESCO a Candidatura de Ellis Island como patrimônio mundial por imaginar que o conjunto arquitetônico da Ilha testemunhou um período excepcional da história global, em especial a movimentação de milhões de pessoas que deixaram a Europa para viver na América. No marco do projeto "Pelos bastidores da UNESCO: a construção do consenso em torno de bens considerados patrimônios mundiais (1960-1980)", este artigo propõe socializar os resultados de um estudo de caso a respeito da candidatura de Ellis Island como patrimônio da UNESCO e, substancialmente, algumas análises a respeito dos

¹ Professor do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Coordenador do Centro Memorial e Laboratório de História Oral da Univille. E-mail: fernando.sossai@univille.br

argumentos apresentados pelo governo dos Estados Unidos para justificar a importância histórica excepcional da Ilha enquanto ícone que espelha o intenso fluxo de migrantes para esse país.

Palavras-chave: patrimônio mundial; Ellis Island; UNESCO.

Abstract:

Ellis Island is a small island located in Manhattan, New York, United States. With about 12,000 m², the Island has been artificially constructed and has a collection of buildings that have historically housed the former Ellis Island Immigration Station. During its period of operation (1892-1954), it is estimated that 20 million people of immigrants who applied to enter the US were prosecuted in Ellis Island. In 1990, the immigrant reception and housing building was converted into the Ellis Island Immigration Museum. Based on this historicity, in April 2017, the United States Department of Homeland submitted to UNESCO the Candidacy of Ellis Island as a world heritage site for imagining that the island's architectural ensemble witnessed an exceptional period of global history, especially the movement of millions of people who left Europe to live in America. Within the framework of the project "Behind the backstage of UNESCO: building a consensus on world heritage assets (1960-1980)", this article proposes to socialize the results of a case study regarding the application of Ellis Island as world heritage of UNESCO and, in essence, some analysis on the arguments presented by the United States government to justify the exceptional historical importance of the Island as an icon that mirrors the flow of migrants to that country.

Keywords: world heritage; Ellis Island; UNESCO.

Introdução

Ellis Island é uma pequena ilha localizada no sul de Manhattan, em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Com cerca de 12.000m², trata-se de uma ilha que possui numerosas construções edificadas pelo governo dos Estados Unidos (EUA), em especial um grande complexo hospitalar e um conjunto de edifícios que compunham a antiga Estação de Imigração de Ellis Island. Durante seu período de operação como estação de processamento de migrantes, entre 1892-1954, estima-se que 20 milhões

de pessoas que se candidataram a entrar nos EUA passaram pela Estação Ellis Island (MADDERN, 2008).

Ainda que ao longo do século XX a gestão do conjunto monumental da Ilha tenha passado por numerosas dificuldades, em 1990, o edifício que se destinava à recepção e hospedagem de imigrantes foi convertido no Museu de Imigração de Ellis Island. Assim como outras edificações centenárias da Ilha (Figura 1), o edifício integra o complexo patrimonial “Monumento Nacional da Estátua da Liberdade”, um dos mais visitados nos EUA (PARDUE, 2004).

Figura 1: Ilha de Ellis Island, Nova Iorque, Estados Unidos



Fonte: extraído de Kerr (2016).

Mais recentemente, supostamente em razão de seu fluxo migratório excepcional, Ellis Island vem sendo divulgada pelo governo dos Estados Unidos como uma "notável ilustração da grande migração atlântica" do final do século XIX e início do XX, mais especificamente uma espécie de “ícone incomparável da história das migrações internacionais”. Apoiado nessa historicidade, em abril de 2017, o Departamento de Interior dos EUA submeteu à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a candidatura de Ellis Island como

patrimônio mundial, alegando que o conjunto arquitetônico da Ilha testemunhou um período extraordinário da história global, sobretudo a movimentação de milhões de pessoas que deixaram a Europa para viver na América do Norte (Cf. UNESCO, 2018).

No âmbito do projeto "Pelos bastidores da UNESCO: a construção de consenso em torno de bens considerados patrimônios mundiais (1960-1980)", desenvolvido com financiamento do Fundo de Apoio à Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (FAP/UNIVILLE), este artigo propõe socializar os resultados de um estudo de caso a respeito da recente candidatura de Ellis Island como patrimônio mundial da UNESCO.

O artigo encontra-se organizado em três partes. Na primeira, apresento informações a respeito da historicidade de Ellis Island, pontuando alguns de seus diferentes usos ao longo dos séculos XVII e início do XX. Para tanto, estabeleço um diálogo teórico-metodológico com a historiografia pertinente, procurando discutir alguns marcadores importantes em relação ao passado da Ilha.

Em seguida, na segunda parte do texto, descrevo e analiso alguns documentos atinentes à candidatura de Ellis Island como patrimônio mundial da UNESCO. Nesse fazer, descrevo os argumentos mobilizados pelo governo dos Estados Unidos para justificar tanto a pertinência da candidatura, quanto a necessidade de reconhecimento por parte da UNESCO do valor universal excepcional de Ellis Island quando o assunto é a história das migrações internacionais.

Para além disso, na última parte do escrito, discuto o que poderia significar o empreendimento governamental estadunidense de "fabricação" de Ellis Island como patrimônio mundial em um tempo no qual assistimos poderosas iniciativas desse mesmo governo para regular e/ou conter deslocamentos migrantes que rumam em direção aos Estados Unidos (HEINICH, 2018, p. 175).

Ellis Island: notas sobre sua historicidade

É fato bastante discutido pela historiografia que o território de Ellis Island foi objeto de múltiplos usos no passado. Embora a região tivesse sido registrada em documentos mais antigos, foi somente no transcurso do século XVII que a Ilha passou a ser explorada tanto por residentes, quanto por comerciantes que estavam de passagem por Manhattan. Além de ser utilizada como ponto de paragem de

populações que costumam navegar no em torno de Manhattan, no transcurso do XVII, Ellis Island se destacou como um ponto de apoio para embarcações militares ou comerciais que se deslocavam à cidade de Nova Iorque (KALIN, 1989).

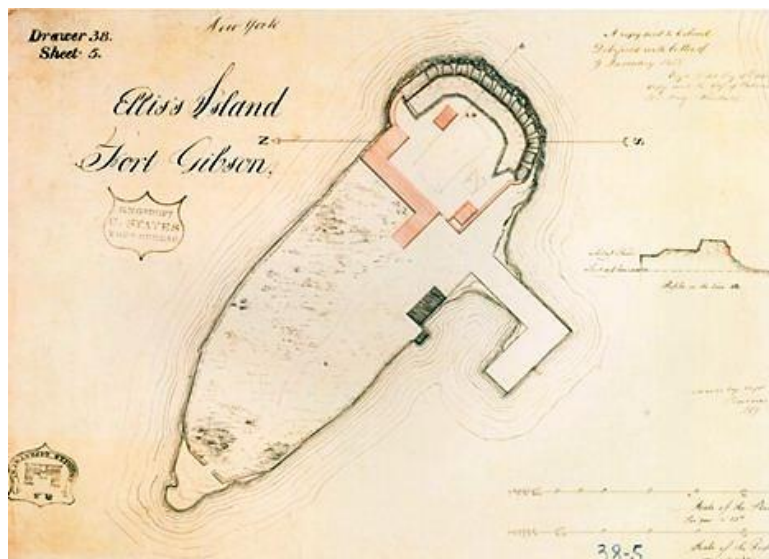
À época, ainda popularmente conhecida como “Ilha das Conchas” (em função da variedade e quantidade de conchas amontoadas em suas praias), Ellis Island recebeu algumas benfeitorias, muitas das quais foram financiadas por Michael Paauw, um comerciante holandês que se tornou proprietário da região após obter relativo sucesso no empreendimento colonial “Nova Amsterdam”, encabeçado pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais (STAKELY, 2003).

Durante os anos 1700, os usos militares de Ellis Island foram intensificados. Após ser vendida a Samuel Ellis (um rico comerciante de bebidas da região), tornou-se comum utilizar-se a Ilha como local de expiação de criminosos, sobretudo uma zona livre de vigilância que poderia ser utilizada para o enforcamento de piratas e outros indesejados que, eventualmente, pilhavam Manhattan (UNRAU, 1984).

Ainda que as motivações não tenham sido muito bem detalhadas pela historiografia, na década de 1790, Samuel Ellis optou pelo arrendamento de Ellis Island ao governo de Nova Iorque. Após a demolição das principais construções, edificou-se no local uma fortificação naval que, inclusive, possuía um complexo prisional destinado à punição e encarceramento dos criminosos de Nova Iorque. Em 1808, passados quase dez anos depois da morte de Samuel Ellis, seus herdeiros optaram pela venda da Ilha ao Estado de Nova Iorque pelo montante aproximado de 10 mil dólares (UNRAU, 1984).

Contudo, foi apenas no transcurso do século XIX que Ellis Island se consolidou com um local permanentemente voltado à proteção militar de Nova Iorque. Em 1808, no mesmo ano em que sai vencedor de uma disputa judicial relativa à compra e posse da Ilha, o Estado de Nova Iorque revende-a ao Governo Federal dos EUA. Quatro anos mais tarde (1812), no local já se encontrava em funcionamento o então denominado “Fort Gibson” (Figura 2): um tipo de quartel de tropas onde havia um “depósito de pólvora e uma bateria de armas posicionadas ao longo da borda leste da Ilha” (NPS, 2015, s.p.; tradução nossa).

Figura 2: mapa do Forte Gibson em 1819 (NPS, 2015)



Fonte: extraído de NPS-National Park Service (2015).

Além de sua evidente função defensiva, o Fort Gibson também foi historicamente utilizado como “campo de prisioneiros”, particularmente entre 1812 e 1814, um período de guerra em que ocorreram violentas batalhas envolvendo as tropas antagonistas dos Estados Unidos e do Reino Unido (NYSMM, 2006, s. p.; tradução nossa).

Ainda que o Fort Gibson tenha sido desativado na década de 1860, os usos militares de Ellis Island foram contínuos e duraram, praticamente, oitenta anos. No entanto, durante os anos 1890, a constituição de uma estação de processamento de imigrantes deu impulso a um novo uso social da Ilha.

Conforme explicado por Maddern (2004), antes de 1892, primeiro ano de atividades da “Estação de Imigração de Ellis Island”, o atendimento aos migrantes que se dirigiam à Nova Iorque era realizado por funcionários do Departamento de Imigração dos Estados Unidos, no interior do Fort Clinton (Castle Garden), em Lower Manhattan. Entre 1855 e 1890, aproximadamente oito milhões de migrantes internacionais foram processados nesse Fort.

Construída com recursos federais entre 1890 e 1892, a criação da Estação de Imigração de Ellis Island respondia às recentes mudanças da Lei de Imigração dos EUA: em 1891, definitivamente, foi transferida para o Governo Federal a gestão do vertiginoso fenômeno da migração. Entre outras coisas, a “Lei de Imigração de 03 de março de 1891” deu corpo institucional ao “Departamento de Imigração dos Estados Unidos”, assim como dispôs sobre a estrutura necessária para a inspeção e o

processamento de migrantes internacionais que requisitavam a “permissão oficial” para viver no país (USA, 1891, p. 1084 e 1085; tradução nossa).

Visando garantir o cumprimento da Lei, o governo dos Estados Unidos empreendeu várias obras para adaptar a Ilha aos seus interesses. Talvez duas delas tenham sido as mais impactantes sobre a paisagem da Ilha. Em primeiro lugar, dobrou o tamanho de Ellis Island por meio de numerosos aterramentos. E, em seguida, além de ordenar a demolição de algumas edificações, reformou os edifícios que, no passado, foram utilizados com fins militares. A ambição governamental era garantir a inauguração da Estação de Imigração de Ellis Island em janeiro de 1892, isto é, em menos de um ano após entrar em vigor a Lei de Imigração de 1891 (Figura 3).

Figura 3: Estação de Imigração de Ellis Island (1892-1897)



Fonte: extraído de NPS-National Park Service (2015).

A partir da entrada em funcionamento da Estação, Ellis Island transformou-se em uma base estratégica para se “policar a imigração europeia para os Estados Unidos”, em especial os migrantes que tentavam entrar no país aportando na costa leste de Nova Iorque. De acordo com Maddern, entre 1892 e 1924, a Estação de Imigração de Ellis Island foi um espaço por onde circulavam diversos tipos de “ideias eugênicas”, muitas das quais relacionadas à comprovação de “diferenças genéticas” ao se comparar entre si populações de distintas regiões do Planeta. Além disso, a Ilha também teria sido um local mais discreto para que “novas técnicas médicas” fossem “testadas nos migrantes que passavam pelo local” (MADDERN, 2008, p. 361; tradução nossa).

Seja como for, em junho de 1897, o prédio da referida Estação – à época, todo em madeira – foi destruído por um incêndio de enormes proporções. Nesse mesmo

ano, o governo dos Estados Unidos promoveu um concurso para que empresas de arquitetura apresentassem projetos voltados à construção de uma estação de imigração a prova de fogo. O concurso sagrou como vencedor o projeto elaborado pelos arquitetos nova-iorquinos William Alciphron Boring (1859-1937) e Edward Lippincott Tilton (1861-1933), sócios e proprietários da empresa Boring & Tilton Architecture. Com base no projeto vencedor, o primeiro edifício a ser construído foi o prédio principal da Estação de Imigração (Figura 4), inaugurado em 17 de dezembro de 1900. Após a sua conclusão, os edifícios da cozinha, lavanderia e central de energia elétrica foram finalizados em 1901. Já em março de 1902, foi inaugurado o prédio principal do hospital (NPS, 2014).

Figura 4: Prédio principal da Imigração de Ellis Island em 1905



Fonte: disponível em USA-Library of Congress (1905).

Nos anos que se seguiram, outras edificações foram erguidas em Ellis Island. Entre 1902 e 1909, por meio de novos aterramentos, a Ilha teve o seu perímetro ampliado, abrindo espaço para a construção de um complexo hospitalar que incluía:

um prédio administrativo, um conjunto de alas destinadas ao isolamento de pessoas acometidas por doenças infectocontagiosas, um setor para tratamento de indivíduos com variados graus de psicopatias.

Embora o início do século XX tenha reservado uma infraestrutura mais robusta à Ellis Island, nas décadas de 1910 e 1920, diminuiu-se consideravelmente o fluxo de migrantes ali processados. Em razão de mudanças da legislação nacional (as chamadas Lei de Cotas), cada grupo de imigrantes que chegava aos EUA deveria ser separado e quantificado de acordo com a sua nacionalidade. Uma vez realizado esse procedimento, o número de migrantes de uma determinada nacionalidade não poderia ultrapassar 3% da população estadunidense, considerando os dados do censo de 1910.

O golpe de misericórdia foi dado pela Lei de Imigração de 1924, que reduziu ainda mais esse número: no máximo 2% de imigrantes de uma mesma nacionalidade, levando-se em conta os resultados do censo da população estadunidense de 1890. Também essa mesma Lei exigia que todos os imigrantes fossem inspecionados em seus países de origem. Assim, procurava-se conter os migrantes em seus próprios territórios de origem, evitando-se ao governo dos Estados Unidos se incômodos desnecessários, tais como eventuais custos das deportações, mediar conflitos decorrentes da superlotação de Ellis Island e/o conter a proliferação de doenças às portas de Nova Iorque (Cf. USA, 1924).

É interessante observar que a combinação entre uma legislação nacional cada vez mais restritiva à entrada de imigrantes e o cenário de profunda crise econômica que assolou os Estados Unidos entre 1929 e 1931, contribuíram para a arrefecimento da Estação de Imigração de Ellis Island. Frente a um cenário de dificuldades, nos anos 1930 e 1940, a Ilha e suas construções passaram a ser utilizadas como base de operação da Guarda Costeira e como local de detenção de presos-estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial (MADDERN, 2004).

Em 1954, já com grande parte de suas edificações em ruínas, a Estação teve as suas atividades encerradas. Assim, teria que vir a década de 1960 para que a Estação de Imigração de Ellis Island fosse (re)produzida a partir de novo valor social, qual seja, um patrimônio cultural dos Estados Unidos integrado ao complexo monumental da Estátua da Liberdade. É a essa discussão que dedico atenção no próximo item.

Ellis Island: patrimônio cultural, patrimônio mundial?

Em termos patrimoniais, um marco importante na história de Ellis Island foi a sua integração ao conjunto monumental da Estátua da Liberdade em novembro de 1965. À época, por iniciativa do presidente Lyndon Johnson (gestão 1963-1969), a administração da Ilha e de suas ruínas foram repassadas ao Serviço de Parques dos Estados Unidos. Embora fosse encarregado da gestão de outros locais de interesse histórico, em especial de lugares relacionados à história militar dos EUA (nomeadamente fortes e remanescentes de campos de batalha), o órgão não possuía não expertise para fabricar e difundir o patrimônio de Ellis Island.

Segundo Maddern (2010, p. 305), quando assumiu a gestão de Ellis Island, o Serviço de Parques “não sabia praticamente nada sobre imigração”, em especial sobre a “história da Ellis Island”. No transcurso dos anos 1960, o órgão se viu “forçado a chamar especialistas em história, historiadores, que sabiam como a imigração”, décadas após décadas, foi se constituindo enquanto fenômeno social extremamente complexo e que colocou em contato diferenças culturais que atravessaram as sociedades europeia e estadunidense do passado (MADDERN, 2010, p. 305).

Além disso, entre 1954 e 1965, as edificações de Ellis Island haviam se deteriorado muito rapidamente. Além de não contar com um corpo de restauradores especializados, o Serviço de Parques também defendia que o conjunto da antiga Estação de Imigração não “servia a mais nenhum propósito útil”. Portanto, não valeria a pena onerar os cofres públicos com grandes gastos com obras de restauração na Ilha. A bem da verdade é que “por mais de 20 anos” seguiu-se uma ampla “disputa envolvendo os governos federais, estaduais e municipais, investidores comerciais e especialistas em preservação” acerca do que deveria ser feito com Ellis Island (MADDERN, 2010, p. 306; tradução nossa).

Em socorro da Ilha, foi planejado uma parceria público-privada, colocando lado a lado o setor privado e o governo federal. A ideia era criar o Museu de Imigração de Ellis Island, aproveitando-se de investimentos particulares, uma vez que o principal obstáculo para a montagem desse Museu era a falta de fundos para as obras de restauração das edificações da Ilha.

Embora muito se tenha planejado, de fato, a constituição do Museu somente tomou impulso em 1982 quando o presidente Ronald Reagan (gestão 1981-1989) nomeou Lee Lacocca (um rico empresário nova-iorquino e filho de imigrantes italianos) como administrador da “Estátua da Liberdade-Fundação Ellis Island”². Sob o prestígio de Lacocca, mas também reunindo esforços de organizações estatais, corporativas e voluntárias, foram realizadas diversas campanhas financeiras em favor da restauração de Ellis Island. Só para se ter uma ideia do sucesso dessas campanhas, em 1990, ano de inauguração do Museu de Imigração de Ellis Island, atingiu-se a volumosa soma de “150 milhões de dólares” em fundos arrecadados para iniciativas de restauração da Ilha (MADDERN, 2010, p. 306; tradução nossa).

No que tange ao reconhecimento de Ellis Island como patrimônio mundial, um passo importante foi dado pelo governo dos Estados Unidos em abril de 2017. Nesse ano, por meio do seu Departamento de Interior, tal governo submeteu à apreciação da UNESCO a Candidatura da Ilha com base na seguinte argumentação:

Ellis Island é uma ilustração notável da grande migração Atlântica, a migração voluntária em massa na qual milhões de pessoas, principalmente da Europa, se mudaram para a América do Norte e América do Sul, a partir de meados do século XIX até o início do século XX. A maioria dessas pessoas - cerca de 17 milhões entre 1880 e 1910 (37 milhões entre 1820 e 1980) foram para os Estados Unidos, e aproximadamente 70% dos imigrantes que entraram nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX foram processados em Ellis Island, assim como os 2% de migrantes que foram recusados. A evidência dessa atividade está preservada no complexo de edifícios que permanece na Ilha, com mais de 40 prédios [...] que representam todos os aspectos do processo de chegada e experiência dos imigrantes, bem como períodos posteriores quando a imigração para os EUA foi mais restrita. O Museu de Imigração de Ellis Island, instalado no prédio principal, na lavanderia e na cozinha, apresenta essa história aos visitantes, que podem ver muitas das instalações restauradas, objetos e histórias de imigrantes (UNESCO, PROCESSO REF. 6233, s. p., 2017; tradução nossa).

Embasando-se no Critério IV, da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (UNESCO, 1972), o governo dos Estados Unidos justificou a pertinência da Candidatura de Ellis Island como patrimônio mundial em razão de existir na Ilha um “excelente exemplo de tipo de edifício, conjunto arquitetônico ou tecnológico ou paisagem que ilustra um estágio significativo na história da humanidade” (UNESCO, PROCESSO REF. 6233, s. p. 2017; tradução nossa).

² Podem ser visualizadas informações detalhadas sobre essa Fundação no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.libertyellisfoundation.org/immigration-museum>>.

Para além disso, o governo também argumentava que a Estação vertida em Museu de Imigração ainda contava com “toda a gama de infraestruturas físicas necessárias para receber, examinar fisicamente, tratar, questionar e liberar ou reter os[...] imigrantes” que chegaram aos Estados Unidos entre 1892 e 1924(UNESCO, PROCESSO REF. 6233, s. p. 2017; tradução nossa).

Igualmente, o texto da candidatura ainda mencionava que a “localização em uma Ilha, onde a única função posterior foi a apresentação ao público de sua história, preservou o complexo patrimonial, deixando-o intacto”. Logo, seria a própria “integridade” das edificações de Ellis Island que espelharia a sua “autenticidade” como patrimônio mundial. De acordo com o Processo de Candidatura:

A forma, o design, os materiais e as interrelações dos edifícios em sua Ilha são reflexos autênticos da atividade em Ellis Island durante os anos em que ela serviu como o principal portal de imigração para os Estados Unidos a partir da Europa, e durante períodos posteriores até a meados do século XX também(UNESCO, PROCESSO REF. 6233, s. p. 2017; tradução nossa).

Reforçando que a Candidatura estava amparada em uma “história [...] bem documentada e suportada na pesquisa que originou o Museu de Imigração de Ellis Island”, o Processo também sublinhava o caráter “excepcional” de Ellis Island ao ser comparada com bens culturais de natureza similar:

Há outros bens associados à grande migração Atlântica, tais como o Pier 21 em Halifax, no Canadá; a Hospedaria de Imigrantes em São Paulo, no Brasil; o Hotel de los Inmigrantes em Buenos Aires, Argentina; estações de quarentena como o Lazareto, na Filadélfia; a Grosse Île, no Canadá; as instalações de emigração como a Tullhuset (Alfândega) em Gotemburgo, na Suécia; galpões portuários da Red Star Line na Antuérpia, na Bélgica; e Dworzec Morski [...] em Gdynia, na Polónia. Acredita-se que, embora essas propriedades ilustrem vários aspectos da grande migração Atlântica, Ellis Island está associada a um fenômeno histórico de grande proporção que tem preservado, devido a sua localização na Ilha e falta de usos posteriores [da Estação], a representação mais completa do processo de recepção e inspeção de imigrantes(UNESCO, PROCESSO REF. 6233, s. p. 2017; tradução nossa).

Como se nota, a narrativa histórica estrategicamente elaborada pela equipe vinculada ao Departamento de Interior dos Estados Unidos, antes de tudo, sinaliza um habilidoso empreendimento intelectual dos “encarregados de ‘fazer’ o patrimônio”:

trata-se, antes de tudo, de um conjunto volumoso de profissionais de diversas áreas de conhecimento que atuam de modo a “selecionar um artefato para incluí-lo em um conjunto patrimonial” de interesse nacional e/ou internacional (HEINICH, 2018, p. 177).

Não restam dúvidas de que na tentativa de fabricação de Ellis Island como patrimônio mundial da UNESCO ainda caberia saber para que e para quem interessa a produção de um *corpus* patrimonial cujo valor parece encontrar-se retoricamente lastreado em travessias migrantes do final do século XIX e início do XX. A modo de conclusão, no item a seguir, apresento algumas considerações a esse respeito.

A modo de conclusão: para que e para quem Ellis Island como patrimônio mundial?

Na contemporaneidade, a antiga Estação de Imigração de Ellis Island abriga um museu de três andares que exhibe textos, fotografias, objetos, documentos oficiais e narrativas audiovisuais atinentes a histórias de vida de imigrantes que, no passado, tiveram o local como parada obrigatória.

À época de inauguração do Museu de Imigração de Ellis Island (1990), alguns políticos que haviam lutado pela sua criação – especialmente, o presidente Johnson – temiam que o Museu apresentasse aos seus visitantes uma interpretação deturpada dos eventos históricos que se passaram em Ellis Island. O medo era que a fabricação de passados mais palatáveis ao público incorresse na produção de um espaço museal “parecido com a Disney”, onde se poderia não apenas visualizar, mas também interagir com caricaturas migrantes encenadas por pessoas “sorridentes” e “vendendo Coca-Cola” (MADDERN, 2010, p. 307; tradução nossa).

Embora isso não tenha acontecido, como fruto de um empreendimento público-privado, a conversão de Ellis Island em patrimônio cultural dos Estados Unidos, por meio de sua associação ao conjunto monumental da Estátua da Liberdade, foi um êxito financeiro em todos os seus aspectos.

Mais recentemente, a empreitada governamental estadunidense dedicada ao reconhecimento de Ellis Island como patrimônio mundial da UNESCO deve ser acompanhada e analisada com cautela. Para que e a quem interessaria a titulação de Ellis Island como patrimônio mundial? É preciso levar em conta esse mesmo governo

vem empreendendo políticas de regulação e violentas estratégias militares voltadas à contenção de travessias migrantes que rumam em sua direção.

Na esteira dessa perspectiva, ainda é preciso considerar que a referida Candidatura não parece envidar esforços para a valorização de bens que colaboram tanto para a discussão, quanto para a aprendizagem, de uma espécie de nova cidadania global que vislumbra os patrimônios como oportunidade de se refletir sobre passados que contribuem para a discussão de humanidades compartilhadas no presente, conforme defendido pela UNESCO em Programas como “Coalizão Internacional de Cidades Inclusivas e Sustentáveis”, “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, “Pacto Global sobre Refugiados” e “Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular”.

Considerando seus usos (e abusos) históricos, não seria nada surpreendente nos depararmos com novas iniciativas patrimoniais de Ellis Island. Ao que tudo indica, a Candidatura da Ilha a patrimônio mundial da UNESCO parece ser apenas mais um estágio em seu inacabado processo de fabricação patrimonial.

Referências

HEINICH, Nathalie. A fabricação do patrimônio cultural. Tradução de Diego Finder Machado e Fernando Cesar Sossai. In: **Fronteiras: revista catarinense de História**. Dossiê Memória, Patrimônio e Democracia, n. 32, p. 175-186, 2018/02.

KALIN, Robert J. Evidence of the Colliers' Industry in Mastic Neck, Brookhaven Township, Suffolk County, New York. In: **The bulletin: journal of the New York State Archeological Association**, n. 98, p. 1-12, 1989.

KERR, Michael. 125 years of Ellis Island: a living monument to the land of the free. In: **The Telegraph**. 30 dec. 2016.

MADDERN, Jo Frances. Spectres of migration and the ghosts of Ellis Island. In: **Cultural geographies**, 15, p. 359-381, 2008.

_____. Huddled masses yearning to buy postcards: the politics of producing heritage at the Statue of Liberty–Ellis Island National Monument. In: **Current issues in tourism**, 7, 4-5, p. 303-314, 2004.

NPS-National Park Service. **Colonial and Early American New York**. Jersey City, February 26, 2015. Disponível em: https://www.nps.gov/elis/learn/historyculture/places_colonial_early_american.htm. Acesso em: 10 mar. 2019.

NPS-National Park Service. **Immigration**. Jersey City, March 20, 2014. Disponível em: <https://www.nps.gov/elis/learn/historyculture/places_immigration.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

NYSMM-New York State Military Museum. **Forts**: Fort Gibson. New York, 19 February, 2006. Disponível em: <http://dmna.ny.gov/forts/fortsE_L/gibsonFort.htm>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PARDUE, Diana. Ellis Island Immigration Museum. In: **Museum**, n. 223, v. 56, p. 22-28, 2004.

STAKELY, J. Tracy. **Cultural landscape report for Ellis Island**. New York: Olmsted Center for Landscape Preservation, 2003.

UNESCO-Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Paris, 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369_por> Acesso em: 10 mar. 2019

_____. Tentative list. **Process Ref. 6233**: Ellis Island. Paris, April 12, 2017. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/tentativelists/6233/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

UNRAU, Harlan D. **Ellis Island**: historic resource study. New York: U.S. Department of the Interior, 1984.

USA-United State of America. Fifty-first Congress. **Immigration Act of 1891**. Session II. CH-550/551, p. 1084-1087, March 3, 1891.

USA-United State of America. Sixty-Eight Congress. **Immigration Act of 1924**. Session II. CH-185/190, p.153-170, May 24, 1924.

_____. Library of Congress. **Immigrant Landing Station**, N.Y. New York, 24 Feb. 1905. 1 photographic print. Film copy neg.: LC-USZ62-37784. Disponível em: <<https://www.loc.gov/pictures/item/97502077/>>. Acesso em: 10 abr. 2019.